

**Palavras que nos
vieram escutando
os discursos
hereamuu do
xamã Yanomami
Davi Kopenawa**

Poemas, colagens, traduções e recortes de

Dheyne de Souza

Janaína Tatim

Katia Santus

Suene Honorato

Vivianne Anselmo Nascimento

Yagoo L. C.

Palavras que nos vieram escutando os discursos hereamuu do xamã Yanomami Davi Kopenawa

Palavras *Vivianne Anselmo Nascimento* p.2

Matihí e uma colagem *Vivianne Anselmo Nascimento* p.3

Anotações para um glossário I Napë, Omama, Xapiri p.4

Mas o branco é diferente *Katia Santus* p.5

Matihí *Dheyne de Souza* p.6

Anotações para um glossário II Pensar a política, Assembleiamuu p.8

aprendi o que chamam de poesia *Suene Honorato* p.9

305. As esposas petrificadas [259] *Tradução de Janaína Tatim* p.10

[] *Dheyne de Souza* p.12

Anotações para um glossário III Mercadoria p.13

O último tempo *Yaggo L. C.* p.14

forasteiro *Suene Honorato* p.15

Anotações para um glossário IV Palavras *Katia Santus* p.16

Não Fiat Lux *Dheyne de Souza* p.17

Anotações para um glossário V Hereamuu p.19

Dheyne Souza lê **Não Fiat Lux** (fotografia de Dheyne de Souza) p. 20

Minibiografias e contatos das autoras p.21

Palavras

Vivianne Anselmo Nascimento

As palavras parecem ser asas
Entregam todo o sentimento
Que pulsa a vida

Palavras dadas
São palavras preciosas
Nelas moram uma vida
Uma vida única
Uma vida conjunta
Uma vida só
Uma vida com outro
Um nós

As palavras carregam juntas pensamentos
Repletos de sentimento
De memórias e de vida

As palavras querem seguir caminhos
Elas querem se amar livremente
Entendendo que são diferentes

As palavras lutam pelo seus caminhos
Que andam repletos de mercadoria
Esses que antes eram caminhos de vida
Agora invadidos por uma não-vida
Invadidos por uma loucura humana
Mas as palavras não morrem

As palavras de Omama não envelhecem
Não envelhecem
Não empalidecem
Não adoecem
Não se esquecem
Elas carregam a vida da floresta
A vida que não se deve perder
A vida que a mercadoria quer esquecer

As palavras guardam todos os sentimentos
Capazes de abrir caminhos
Capazes de dar força.

“Na nossa língua, demos aos objetos dos brancos o nome de *matihi*. Usamos essa palavra para falar das mercadorias, mas ela existia muito antes de esses forasteiros chegarem até nossa floresta. Antigamente, eram outras coisas que nossos maiores nomeavam com ela. Chamava de *matihi* todos os adornos com que se arrumavam para as festas *reahu*: os tufos de caudais de arara, os rabos de tucano, as braçadeiras de cristas de mutum e jacamim que ornavam seus braços e as pequenas penas de papagaio e cujubim que enfiavam no lobo das orelhas. Também caçavam pássaros *sei si*, *hëima si* e *wisawisama si*, pela beleza de seus despojos, que também nomeavam *matihi*. [...]”



Colagem de Vivianne Anselmo Nascimento

“Assim era. Para nós, xamãs, essa palavra é também muito valiosa porque nomeia bens que pertencem a *Omama* e as *xapiri* que ele criou. A visão desses enfeites torna nosso pensamento claro e forte. Por essa razão, a palavra que os designa também tem valor de espírito: ela evoca a beleza dos *xapiri* que são seus donos e nos faz pensar neles.”

Nota: Todos os trechos de falas de Davi Kopenawa utilizadas neste fanzine foram retirados de *A queda do céu*: palavras de um xamã Yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Os números das páginas que constam nas Anotações para um glossário se referem à 1ª edição prensada pela Companhia das Letras em 2015.

Anotações para um glossário I

Napë,

pl. napëpë [ˈna.bë] [ˈna.bo]: “essa outra gente” (p. 63); na nota 2 de B. A: “significa ‘forasteiro, inimigo’” (p. 610). Os napë foram criados por Omama, “são seus filhos e genros”, tanto quanto os Yanomami (para a narrativa de criação dos brancos europeus ver p. 231-33). O Brasil é a terra de Omama (p. 233). Nela, foram criados os napë pë yai, os verdadeiros forasteiros, como os Makuxi, Tukano, Kayapó, Pauxiana etc. Os napë kraiwa pë são os europeus, tão brancos como papel.

Omama

[o.ma.'ma] [o.'mam] [o.'mã.mi]: “Omama criou a terra e a floresta, o vento que agita suas folhas e os rios cuja água bebemos. Foi ele que nos deu a vida e nos fez muitos” (p. 81). Ele também criou as montanhas onde moram os xapiri (p. 119). Antes de Omama, existiam os yarori, ancestrais animais que são “tão humanos quanto nós”. Embora haja poucos nomes para esses yarori, suas imagens são infinitas. A multidão dessas imagens habita a floresta. Os xamãs conseguem ver a floresta com “olhos de espírito”, isto é, os olhos desses espíritos. Omama tinha um irmão, Yoasi, que ensinou a humanidade a morrer. Os brancos também são chamados de gente de Yoasi. Omama, depois que seu irmão ensinou a humanidade a morrer, criou os xapiri para curar a humanidade e para a humanidade se vingar das doenças (p. 84). Omama teve um filho que foi o primeiro xamã, e, portanto, o primeiro a receber os xapiri que Omama tinha criado. Tanto Omama quanto seu filho estão mortos. Omama morreu depois que criou os brancos. Apenas a imagem de Omama pode ser vista pelos xamãs (p. 119 e 227).

Xapiri

[xa.pi.ri] [xa.'bu.ri]. “Os xapiri são as imagens dos ancestrais animais yarori que se transformaram no primeiro tempo. É esse seu verdadeiro nome. Vocês os chamam ‘espíritos’ mas são outros” (p. 111). Eles habitam o topo dos morros e das montanhas (p. 118). Os xapiri se parecem com humanos muito pequenos. Mas, ao contrário dos humanos, cagam e peidam perfumes agradáveis (p. 128). Somente os xamãs conseguem vê-los. Eles não gostam de andar no chão e na podridão do mundo, preferem voar e, para isso, utilizam-se de “espelhos” (miroxi). Os xamãs bebem (cheiram) pó de yãkoana, um alucinógeno cujo efeito se parece com o LSD, para alimentar os xapiri. Quando não são alimentados, os xapiri ficam muito bravos e abandonam a “casa de espíritos” de seu pai, o xamã. A yãkoana serve também para que os xamãs possam ver a floresta com olhos de espírito, fazendo uma complexa diplomacia entre todos os seres que a habitam, cada qual com suas próprias necessidades e perspectivas (cf. capítulo 8). Os xapiri colhem seus cantos nas árvores de cantos (amoa hi). Coletam nelas o coração das melodias. Esses cantos são escutados por todos quando os xamãs os cantam nas festas reahu e então se espalham nas diversas casas e povos. A humanidade teve ancestrais animais, que se transformaram em animais de caça e também em fantasmas. Estes últimos mantêm o nome animal, mas agora são invisíveis. Esses fantasmas se transformam em xapiri e não morrem mais. De acordo com Bruce Albert, o diálogo e a vingança entre ancestrais, caças, espíritos e humanos são um dos principais pontos da “ontologia Yanomami”. Por isso, as caças “são habitantes da floresta, tanto quanto nós” e “eram tão humanos quanto nós” (p. 117 e 214). Embora haja muitas palavras para designar os xapiri, ainda assim elas são muito menos numerosas do que as imagens dos xapiri. As imagens de todos os seres da floresta podem “descer como xapiri”, por meio dos rituais xamânicos (p. 124).

Mas o branco é diferente

Katia Santus

Mas o Branco é diferente

Eu tenho um facão
Na mão
A outra eu uso para recolher
A plantação

Mas o branco é diferente

Tem ceifadeira
Que não é de latão
Com as duas mãos
Dirige o caminhão

Quando chega visita aqui
Enche o bucho com uma mão
Na outra leva o excedente
Do que eu tenho, não digo não

Mas o branco é diferente

Colhe a roça uma vez
Não pensa se quem não come
Não come porque não tem dinheiro
na mão Nem roçado ou plantação
Não importa que estrague
Não importa que seja em vão

Ter
e não ser
isso é importante
não importa quem precise matar
com sua mão
De pedra, bala ou facão
o excedente em sua vida
não é paz no coração
é mercadoria, papel
o resto é em vão.
Porque o branco é diferente

Matih
Dheyne de Souza

a Mercadoria ah
a nossa deusa protetora dos mandamentos gestora de unguentos manjedoura de passes
posses pós
misericordiosa, orna as nossas vistas, sustenta nossas certezas, configura nossas famílias,
pole o amor, pele-vitrine, ossos
com ela, embriagamo-nos até perder os cimos,
que caem
por ela, esquecemo-nos da morte
desmemoriando-nos da materialidade,
perdemos os laços, os espíritos, as gerações, a ideia de tempo e de história,
ultraprocessados,
assistimos a tudo
ser destruído
nos intervalos cada vez mais curtos
velozes
vorazes
participamos ativamente sem nos darmos ao trabalho de pensar
que trabalhamos pela Mercadoria
maria de todas as graças
livra-nos das
desgraças
acalenta-nos na saúde, na doença e na obsolescência programada
orai por nós

ostensivamente apaixonados
proliferamos papéis, peles, lâminas
capturamos as luzes, os filtros,
insatisfeitos, perenemente
plantamos pagamos matamos A desejamos mais que tudo
e nada
temos
pensamos?
Sua imortalidade é a mais imortável, imponderável e de ponta
valentia, humor e generosidade
em algum sentido, cotamos
com mãos estreitas,
perdemos
a dimensão do

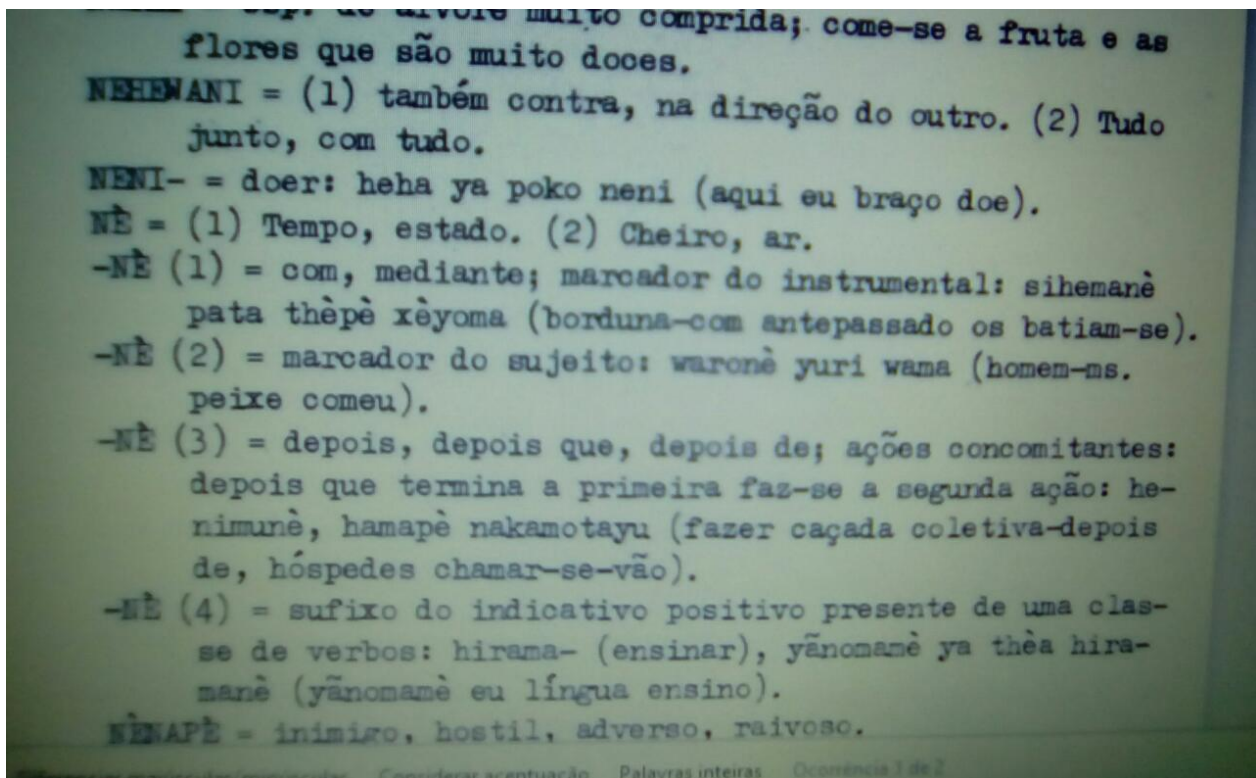
mato

o Belo é avaro
o Bom, renovável

agora sobre a \$olítica
deitamos outras palavras
que a poesia, coitada
ainda pergunta, valente
e

por que não Sonhos?

Anotações para um glossário II



Verbete do dicionário Yanomami-Português de Loreta Emiri enviado por print para o grupo de Whatsapp de nosso coletivo

“Pensar ‘Política’

deveria ser uma nova maneira de pensar. O ranço colado às palavras do universo político é cada vez mais aderente e tosco. ‘Política’ no nosso tempo se parece a uma perua velha preocupada com o par de brincos do amanhã, se vai ou não usar na festa do ‘arraiar’ do seu Quinzó. [...] O importante é dar vida, abastança, dignidade, trabalho e esperança ao ser humano. O importante é arrancar as máscaras, recriar ação e palavra, mover-se corajoso, nítido, íntegro. Os cínicos dirão: isso não é Política, é poesia e ingenuidade. Que seja. É assim que seria para mim o verdadeiro homem político: poeta no seu sentido mais fundo, imenso e livre. Ingênuo a ponto de tomar para si mesmo a dor do outro. E tentar extirpá-la.” (Hilda Hilst em *Cascos & carícias & outras crônicas*, 2006, p. 226-227)

Assembleia, Assembleiamuu

é forma de diálogo dos movimentos sociais incorporado à vida política yanomami: “Algum tempo depois, meu sogro e eu convidamos à nossa casa, em Watoriki, os moradores de várias outras aldeias yanomami. Queríamos reunir uma primeira assembleia yanomami para falar de nossa terra. Outros índios também vieram de muito longe para se juntar a nós, como Ailton Krenak e Anine Suruí, da União das Nações Indígenas. Havia também lideranças makuxi e alguns brancos nossos amigos. Cada um teve sua vez de falar para defender a nossa floresta. No final, fizemos uma dança de apresentação de festa reahu e oferecemos uma grande quantidade de carne de queixada moqueada a nossos convidados.” (p. 386-387) Segue na nota 22. “Essa assembleia foi realizada no começo de janeiro de 1985, na missão Surumu, rio território dos Makuxi, no estado de Roraima. Participaram dela por volta de 150 pessoas, sobretudo representantes de seis grupos indígenas (Makuxi, Wapixana, Taurepang, Yanomami, Munduruku e Apurinã), os então coordenadores da UNI (Ailton Krenak e Álvaro Tukano) e um grupo de observadores brancos (Igreja, Funai, antropólogos, ONGS indigenistas). Uma tradução em francês da intervenção de Davi Kopenawa encontra-se em Albert, 1985, p. 81.”

Aprendi o que chamam de poesia

Suene Honorato

Quando eu era mais jovem,
me perguntava:
será que os poetas
têm palavras de verdade?
será que podem
ser nossos amigos?
Desde então, li muitos
para conhecê-los
e aprendi o que chamam
de poesia.
Dizem ouvir estrelas
e trombetas; constroem
com palavras os degraus
por onde sobem.
Essa poesia não passa
de falas emaranhadas.
São só as palavras retorcidas
daqueles que querem
nossa morte
para se apossar
de nossos saraus.
Os poetas nos chamam
de ignorantes
apenas porque somos
diferentes deles.
Não queremos mais
ouvi-los.
Para nós, poesia
é outra coisa.
São as palavras de luta,
poesia que okupa
e escuta
o microfone aberto
na praça com
endereço certo:
fica no bairro
da onça grande.
São as palavras que escutamos
no tempo dos sonhos
e que preferimos,
pois são nossas mesmo.
Guardamos nossos poemas
dentro de nós.

305. As esposas tornadas pedras [259]
(em Folk Literature of the Yanomami Indians)
Tradução de *Janaína Tatim*

Algumas pessoas se transformaram no primeiro tempo. Aconteceu não muito longe daqui, em um lugar chamado Thuwëiyëkë, [260] além das cabeceiras do rio Wakatha u, perto das nascentes do rio Hwara u. [261] As cabeceiras desses rios são próximas. As mulheres se transformam em montanhas durante a sua primeira menstruação. Foram as últimas pessoas a se transformar. Foi quando a floresta estava para tomar sua forma certa, quando as pessoas estavam prestes a parar de se metamorfosear. [262]

Um homem e suas duas esposas tinham se juntado a uma expedição de coleta, [263] viajando pela floresta, embora a mulher mais jovem tivesse acabado de menstruar pela primeira vez. Seu marido a fizera deixar sua cabana menstrual para viajar.

No caminho, as duas esposas, que eram irmãs, [264] pararam em uma pequena clareira. Elas se sentaram no chão uma ao lado da outra, e a mais velha pôs se a catar piolhos na mais nova. [265] Seu marido havia deixado a trilha para caçar. O tempo ficou encoberto. [266] As outras mulheres começaram a se mover novamente, mas as duas irmãs permaneceram como antes, catando piolhos uma na outra. A mãe pediu-lhes que se apressassem: “Depressa! Queremos chegar ao nosso acampamento na floresta o mais rápido possível!” Mas elas não responderam. Elas começaram a se transformar em pedra, com as ancas plantadas bem no chão. Seus companheiros tentaram fazê-las se mover, mas falharam. Eles puxaram as duas mulheres pelos braços, mas os braços cederam um após o outro: *brikë! brikë!* Em seguida, eles tentaram separá-los do solo usando machados – *thikë! thikë! thikë! thikë!* – mas isso também falhou. A mãe das duas mulheres começou a chorar e lamentar: “Minhas filhas! *Yaiyo! Yaiyo! Yaiyo! Yaiyo!*” [267] Assim, as irmãs tornaram-se duas montanhas, lado a lado, uma pendendo sobre a outra, com a irmã mais velha se inclinando sobre a mais nova enquanto catava seus piolhos. Elas se tornaram as montanhas chamadas Thuwëiyëkë.

Enquanto isso, seu marido perseguia um bando de macacos, caçando-os com uma zarabatana [268] na montanha Sherekikë. [269] Ele começou a matar alguns. Então ele matou mais e mais: *hõõõ! baho wa! thikë wa!* Mas os macacos, que tinham se transformado por causa da condição menstrual do homem, [270] começaram a atacá-lo furiosamente de todos os lados. Eles queriam de fato transformá-lo. Aos poucos, ele começou a ficar sem dardos e os macacos o cercaram cada vez mais numerosos. Muitos caíram: *ba! warai! brõ! ba! warai! brõ!* Mas mais vieram, bandos de macacos *yõkoshi*, macacos-prego, macacos-aranha, macacos bugios, macacos brancos. [271] Agressivamente, eles continuaram descendo em direção a ele de todas as direções, chamando: “*A e! A e! A e! A e!*”

Depois de um tempo, ele não tinha mais dardos. Então os macacos furiosos correram até ele e agarraram-no pelos braços para carregá-lo para o alto das árvores: *brao wa! brao wa! brao wa!* Enquanto o arrastavam entre os galhos, ele próprio começou a se transformar em um macaco. Eles também pegaram sua zarabatana e a enfiaram na parte inferior de suas

costas para dar-lhe uma cauda: *koshshshi!* Embora ele tenha se transformado em um macaco, sua pele permaneceu lisa, pois ele era originalmente um Yanomam. Eles o carregaram pelas copas das árvores, muito longe na montanha Sherekikë, onde ainda existem muitos macacos, [272] na nascente do rio Wakatha u. Finalmente, os macacos desapareceram para dentro de uma caverna com ele.

Ele era um Yanomam mas imitava os macacos, seguindo-os e subindo de galho em galho – *ae! ae! ae!* – chamando como um macaco-aranha: "*Hë! Hë! Hë!*" Ele foi morar com os macacos na montanha Sherekikë por causa da menstruação de sua esposa mais jovem. Essa montanha pode ser vista perto do roçado Arahai, [273] nas cabeceiras do rio Wakatha u, onde esse rio é um pequeno riacho nas terras altas. Nossos antigos migraram rio abaixo, seguindo esse rio. É isso; isso é suficiente para essa história.

Notas

259. Este texto foi editado a partir de três narrativas contadas por Ikahi em 1979, com comentários de Marôkoi e Arianamë.

260. Lit., "Montanha de sangue da mulher".

261. Respectivamente, o rio Catrimani (bacia do Rio Branco) e o rio Orinoco.

262. Isso significa chegar perto da era de Omamë.

263. Ver narrativa 294, nota 245.

264. A poligamia com irmãs é popular entre os homens Yanomam, que a veem como a melhor maneira de evitar conflitos incessantes entre as co-esposas.

265. Catar piolhos é uma demonstração de afeto entre parentes próximos.

266. A associação entre escuridão, umidade e menstruação é constante nas representações culturais Yanomam (ver Albert 1985, cap. 13).

267. Ver narrativa 246, nota 90.

268. Em relação a zarabatanas, ver narrativa 11, nota 39 e narrativa 246, nota 86.

269. Montanha localizada próxima às cabeceiras do rio Catrimani (bacia do Rio Branco).

270. O informante especificou que os macacos ficaram furiosos com o "cheiro menstrual" do marido. Sobre a reclusão da puberdade conjugal, ver narrativa 33, nota 151 e narrativa 308, notas 279 e 280.

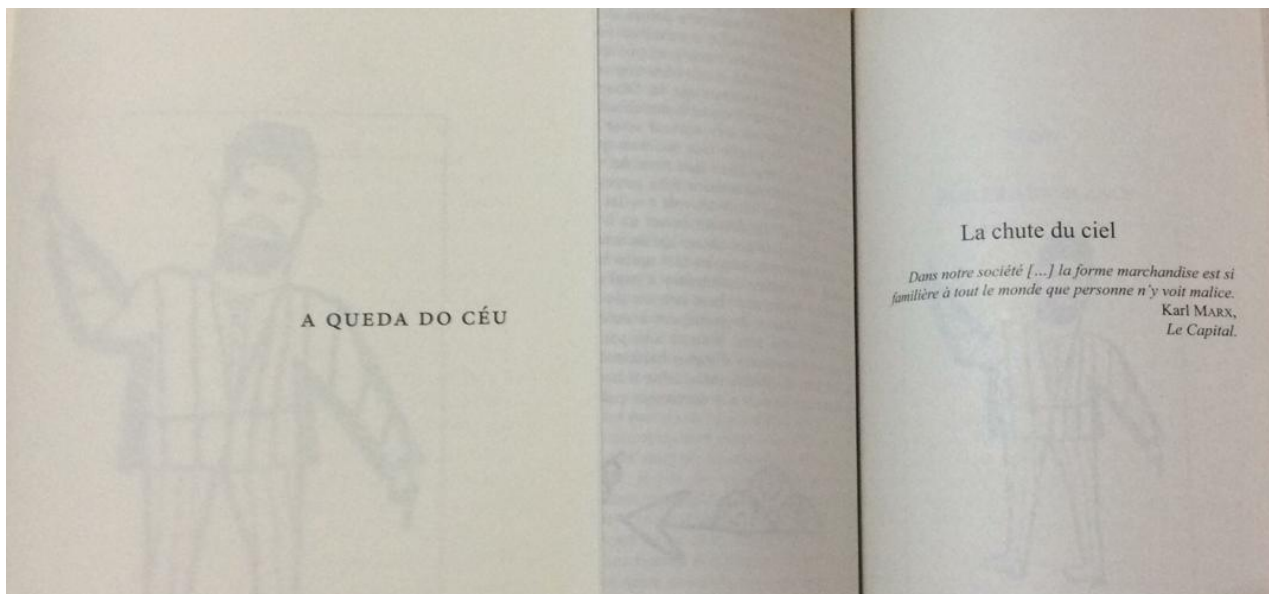
271. Respectivamente, *Callicebus torquatus*, *Chiripotes chiripotes*, *Ateles belzebuth*, *Alouatta seniculus* e *Cebus albifrons*.

272. Os Yanomam dizem que se alguém caçasse esses macacos, ficaria mergulhado na escuridão e em uma chuva incessante (ver nota 266 acima).

273. Um antigo roçado e local de habitação onde viveu o grupo do narrador no início do século.

terra brasil essepê vinte e quatro de fevereiro de dois mil e vinte e um fim de tarde. sento-me em frente a essa tela em branco. comprometendo-me a procurar palavras que curem. não é uma tarefa fácil, já me disse antes mesmo de começar. minha garganta dói. mas eu não saí. mas isso não quer dizer quase nada. tenho medo do vírus lá fora aqui dentro em toda parte lamento. volto. comprometi-me a buscar palavras que curam. caçar essa esperança é mais difícil que abrir os olhos. mas não é isso. encontrar palavras que curam. começo por apanhar algum som da memória. um pensamento que não esteja olvido. comprometo-me a evitar palavras negativas, não, enes, nasalizar. volto. arranjar uma palavra propositiva. curar o vazio das ruas cheias placas de aluga-se pessoas caídas meios-fios molhados gritos baldios preços subindo lamas nos rios fome nos olhos papéis ritos. recuo. palavras que curem. eu sei que é preciso ter coragem. questiono se não é lá isso uma utopia. pergunto por que não uma utopia. volto. prometi que. em cima uma criança bate no chão grita com a avó que grita que vai ficar de castigo sem o computador que o jovem joga alguma coisa no chão de modo que o teto aqui estremece. que cure. alguma palavra. depois de me lembrar da coragem, arquiteto um pouco mais de dignidade. oferecer um café, um banco bambo, um fim de tarde. é preciso ter paciência, parece. choveu. quando chove o cheiro é verde. é necessário ter muita concentração também. com muita concentração é possível despistar o som das tevês dos carros dos banhos das portas dos asfaltos dos e encontrar os trovões. quando chove à noite de manhã os pássaros acordam extasiados. eu gosto de acordar antes de o dia raiar para conversar com os pássaros principalmente quando estão extasiados. é imprescindível acalmar os ouvidos para ouvir. especialmente quando deschove. auscultar alguma palavra que cure. por trás posso jurar que ouvi uma cigarra. a geladeira às vezes me confunde. mas agora posso praticamente jurar que escutei uma coruja. é preciso ter olhos atentos. evitar aquelas palavras requer também muito cuidado. cuidado de um verbo gentil. generosamente tombar a cabeça pro lado. de onde os ouvidos catam. gosto de deixar pelo menos uma planta à vista. sobrevivem bravamente. bravura. cuidar de acolher as cores. um nome assim solidário. como a gota que beija a folha e não solta. permanecer uma mão dada. ajudar ajuda. obrigada. vamos. palavra, cura.

Anotações para um glossário III



Uma epígrafe na edição francesa de *A queda do céu*; e um espaço em branco na edição brasileira.

“Por quererem possuir todas as **mercadorias**, [os *napépe*] foram tomados por um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas. Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas as árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios. Começaram onde moravam seus antepassados. Hoje já não resta quase nada de floresta em sua terra doente e não podem mais beber água de seus rios. Agora querem fazer a mesma coisa na nossa terra.”

O último tempo

Yaggo L. C.

O que há de errado comigo?
Meus olhos não encontram abrigo
Todas as flechas que tenho
Disparadas por alvo inimigo.

Como uma caça flechada
A floresta olha e não me vê
Procuro por *xapiri* ao redor
Para a última lição, enfim receber.

Omama, conforte seu último filho
Dê sabedoria a seu último xamã
Titiri aparece em meus olhos
Xõemari venceu, não haverá amanhã.

forasteiro
Suene Honorato

desDE que cheguei
sinto a cuCA vazia
más Palavras
me habITAm

mas não vim
pRa te socar
O peito

a língua se gastou
em merCADoria
e os Pulsos
estão puÍdos
de TAnto coçar
essa joia
chagada

esqueço o nome
bíbLico embora
eu blaSfeMe

o jeito é cOfiar
a barba na entrelinha

Anotações para um glossário IV



Katia Santus 11 de fev

Palavras

“Aurélio Buarque de Holanda, bom dia com quem eu falo?”

“Não tem negócio de bom dia não meu fi. O seguinte é esse:

Estou com meu ranger de dentes e urros em dias e aí chega um povo que não tem o que fazer, porque acho que esse povo não tem o que fazer não e cria uma tal de palavra.”

“Calma senhora, só um instante...”

“Tem negócio de calma não, anote ai:

uhhhhhh rggggggggg”

“Senhora?”

“Meu filho vc não tá me entendendo não?

Anote ai...”

“Não senhora, não vamos anotar nada agora, a senhora tem que se acalmar que vamos dialogar agora por meio de palavras... não somos mais obrigados a entender rugidos, surgiu a nova palavra, a palavra lhe foi dada e a convivência é feita agora por meio da palavra”

“Meu filho, você tá me levando a pagode é?”

“Calma senhora...”

Não Fiat Lux
Dheyne de Souza

não se assuste
com esse poema
escrito demais

o que fazer com a palavra?

eu quero destruir a palavra
tirar da carne o horror
da boca o socorro
da vista o fascismo
soltar a gramática do mato
a gramatura do orvalho
a pauta do rio
a pausa

do silêncio

adormecer a palavra
que brota nos dentes quando nas telas as notícias as estatísticas as valas
quero matar a palavra
que morde o lábio
afoga o olho
maldita o outro

neste país de desgraças
eu quero expurgar
as palavras
e com o rabisco o bruto risco o nó na garganta o só no instante

ascendo uma vela pra que a luz não me dedique a conta dessa era
pra que o fogo
me leve
pra onde a palavra
se enteva
e no começo era o

tempo em que não havia o momento de bater o ponto o soco o murro o dente o sopro
ventre mente morro socorro

eu quero assassinar esse verbo
pra não aprender a matar

mentir
denegrir acusar deturpar pecar cair derrubar maltratar maldizer molestar ofender
desesperar
desmatar

eu quero decorar o som de uma imagem sem dor
como se fosse um poema sem nenhuma mesquinha palavra

em que diga
dignidade a todos nós

solidariedade a todos nós

respeito
no peito
o seu abraço e o direito
de tomar sol nos pés

terra nas mãos água nos rios viço no olho sorriso outro abraço

e com a gentileza de uma palavra sem borracha
comunicar
outro tipo de humanidade

Anotações para um glossário V

[Trechos retirados de *A queda do céu*: palavras de um xamã Yanomami]

Entre nós, são os grandes homens que, com seus discursos hereamuu, nos inculcam desde a infância o modo de proferir palavras diretas e sábias.

Os grandes homens de nossa casa então fizeram discursos hereamuu e resolveram expulsar aqueles comedores de terra da floresta.

Porém quando eu queria dar minhas palavras à gente de minha casa, eu não me arriscava a entoar discursos hereamuu! Eu me contentava em transmiti-las nos diálogos cantados *wayamuu* da primeira noite de nossas festas reahu. É o que deve fazer quem não é ainda um homem mais velho.

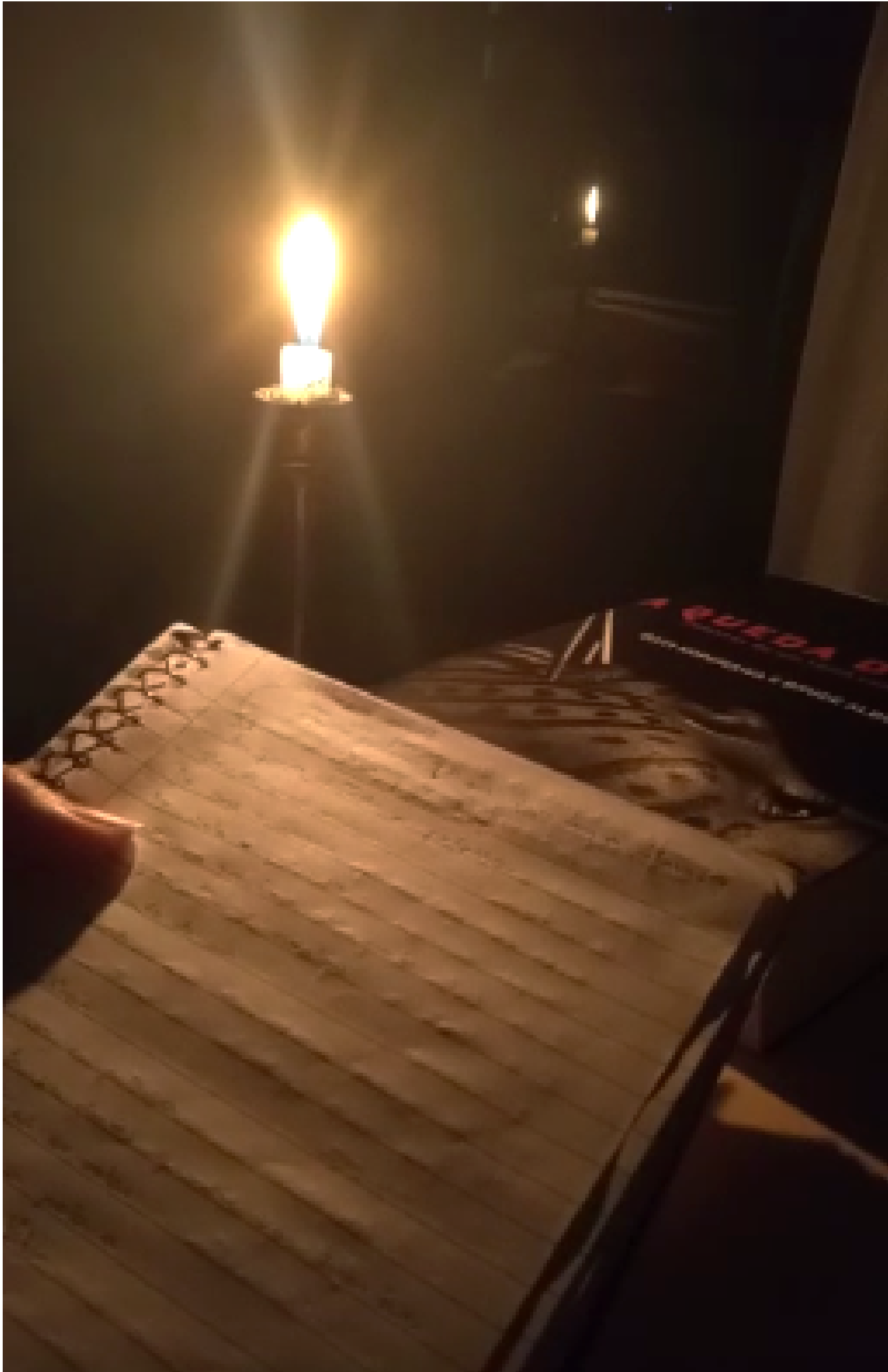
Foi esse caminho que procurei seguir. Hoje, às vezes tento falar em hereamuu. Se as pessoas de minha casa começam a prestar atenção no que digo, continuo. Senão, volto a emudecer e fico quieto na minha rede.

Os xamãs em seus hereamuu falam sobretudo do tempo dos antepassados animais yarori.

Então os grandes homens de nossa casa me incentivaram: “Awei! Você irá falar em hereamuu aos brancos. Nós não podemos ir tão longe, até as casas deles e, além disso, eles não nos entenderiam. Você sabe imitar a língua deles. Irá dar a eles nossas palavras”.

Gostaria que, após ter compreendido minhas palavras, os *napëpë* dissessem a si mesmos: “Os Yanomami são gente diferente de nós, e no entanto suas palavras são retas e claras. Agora entendemos o que eles pensam. São palavras verdadeiras! A floresta deles é bela e silenciosa. Eles ali foram criados e vivem sem preocupação desde o primeiro tempo. O pensamento deles segue caminhos outros que os da mercadoria. Eles querem viver como lhes apraz. Seu costume é diferente. Não têm peles de imagem, mas conhecem os espíritos xapiri e seus cantos. Querem defender sua terra porque desejam continuar vivendo nela como antigamente. Assim seja! Se eles não a protegerem, seus filhos não terão lugar para viver felizes. Vão pensar que a seus pais de fato faltava inteligência, já que só terão deixado para eles uma terra nua e queimada, impregnada de fumaças de epidemia e cortada por rios de águas sujas!”

hereamuu



Minibiografias e contatos

Dheyne de Souza é goiana. Mora atualmente em São Paulo. Tem um blog: dheyne.wordpress.com e um canal de leitura de poemas (www.youtube.com/pequenosmundospoeticos). Recém-publicou "lâminas" (poemas, Martelo Casa Editorial, 2020). Contato: d.pequenosmundos@gmail.com.

Janaína Tatim é doutoranda em Teoria Literária na Unicamp, pesquisando as relações dos *napëpë* com o livro "A queda do céu". Contato: tatimjanaina@gmail.com.

Katia Santus tem 43 anos, é licenciada em Língua Portuguesa pela UVA, está no segundo semestre de Letras-Espanhol pela Universidade Federal do Ceará. Contato: pinheirosantus@gmail.com.

Suene Honorato é goiana, autora dos livros "N'oré ìukaî xûéne!" e "Vinde, e poetizaremos!"; professora nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Contato: suenehonorato@gmail.com.

Vivianne Anselmo é fortalezense. Estuda letras português/francês na Universidade Federal do Ceará. E-mail: vivi963oanne@gmail.com.

Yaggo L.C é Fortalezense, tem 29 anos, Licenciado em Letras-Inglês e bacharel em Sistemas e mídias digitais. Acha estranho falar na terceira pessoa. Contato: yaggolc@gmail.com.



Este fanzine foi produzido ao longo de um minicurso realizado durante a pandemia de covid-19, em fevereiro de 2021, por meio eletrônico, a respeito do livro *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O minicurso foi proposto pelo professor Atilio Bergamini, da Universidade Federal do Ceará, que também revisou, diagramou e organizou este fanzine. Você pode utilizar os textos como quiser, desde que cite a fonte e não os use para obter lucro.